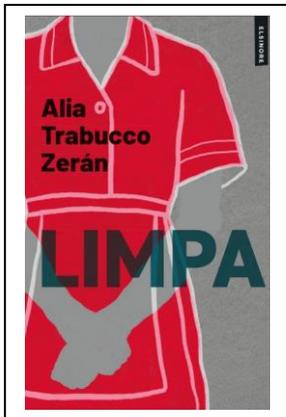


[Limpa] [Alia Trabucco Serán]



[Alia Trabucco Zerán] Biografia:

Alia Trabucco Zerán (Santiago do Chile, 1983) estudou Direito na Universidade do Chile e Literatura Hispano-americana no University College de Londres. O seu romance *La Resta*, de 2015, considerado pelo jornal *El País* uma das estreias literárias mais importantes desse ano, foi finalista do prémio Man Booker International e recebeu o Premio Mejor Novela Inédita del Ministerio de las Culturas de Chile. O seu livro seguinte, *Las Homicidas*, foi vencedor do prémio da British Academy, em 2022. Nesse mesmo ano, a autora foi galardoada com o importante prémio Anna Seghers. *Limpa*, a sua mais recente obra, está em tradução em mais de 13 idiomas e confirma-a como uma das novas referências da literatura contemporânea em língua espanhola.



Sinopse de [Limpa]

Considerado pela crítica um romance «eletrificante», carregado de tensão até ao final, Limpa é uma poderosa exploração dos sentimentos contraditórios e das complexas relações de poder que se estabelecem entre dois mundos diferentes unidos debaixo do mesmo teto. Um romance fulgurante sobre os conflitos de classe e a intimidade do trabalho doméstico por uma das vozes mais promissoras da literatura sul-americana. Vinda do campo para a capital do país, Estela García encontra trabalho junto do abastado casal Jansen como criada de quarto e ama da sua filha recém-nascida, Julia, a mesma que educará e verá crescer. Serão sete anos divididos entre tarefas domésticas invisíveis e repetitivas e a falsa intimidade que estas proporcionam. Entre solidão, afetos, conflitos e segredos, Estela encontrará o seu lugar no seio da família. Porém, quando a tragédia irrompe na vida dos Jansen e Julia aparece morta, os ódios de classe revelam-se sob a forma de preconceitos sociais enraizados.

Alia Trabucco Zerán chega a Portugal com romance que abre ferida do fosso entre classes

20.04.2023 Sapo Mag

“Limpa” é o primeiro livro da autora chilena Alia Trabucco Zerán publicado em Portugal e apresenta uma tragédia contada em registo confessional por uma empregada doméstica, que escancara o fosso entre classes, a falsa intimidade e a podridão familiar.

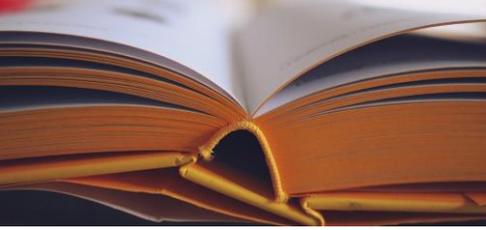


O jornal El País escreveu que este romance é “a metáfora justa para a nossa maior ferida: a que divide o mundo entre aqueles que vivem para si mesmos e os que vivem para os outros”.

Esta frase resume a essência de “Limpa”, a mais recente obra de Alia Trabucco Zerán, considerada uma das vozes mais promissoras da literatura sul-americana e da literatura contemporânea em língua espanhola, publicada agora em Portugal pela Elsinore.

Neste romance, a autora explora os sentimentos contraditórios e as complexas relações de poder que se estabelecem entre dois mundos diferentes unidos debaixo do mesmo teto, através da história de uma mulher que vai trabalhar como empregada interna para um casal abastado na capital chilena.

“Tudo se resume a saber quem limpará quem”, escreveu Albert Camus em “A queda”, uma frase que Alia Trabucco Zerán usa no início do livro, para confrontar o leitor com a distinção de classes e diferenças de tratamento, direitos, liberdades e privilégios vividos dentro de uma mesma casa, que testemunhará ao longo de todo o romance.



A voz do livro é só uma, a da empregada. É ela quem conta a história, numa situação que se presume desde início ser a de um depoimento prestado numa prisão, onde está fechada sem ver ninguém, apenas a ser ouvida.

“Chamo-me Estela, estão a ouvir? Eu disse: Es-te-la-Gar-cí-a”. Esta é a primeira frase do livro e a primeira informação dada. A segunda informação, que é também o desfecho da história, é que “a menina morre”, sendo esta menina a filha do casal para quem trabalhava.

O romance apresenta-se, pois, como uma tragédia, porque, como diz a certa altura um dos intervenientes na história, “o que define uma tragédia é que sabemos sempre como acaba”.

“É curioso o facto de que todos iremos morrer, não acham?”, pergunta Estela, acrescentando depois que “só duas perguntas ficam por responder: como e quando”.

São essas respostas que o leitor persegue enquanto acompanha a descrição do rol de acontecimentos que se sucedem na casa, ao longo de sete anos.

Esse é o período de tempo que passa entre a contratação de Estela, quando a patroa, Mara Lopez, ainda estava grávida, até à morte de Júlia, a criança de quem Estela se tornou ama.

Enredada num dia-a-dia de tarefas domésticas, Estela sente-se confundida com a sua profissão e ultrapassada pelas suas funções, o único motivo por que os patrões se dirigem a ela, vestida invariavelmente com as mesmas batas todos os dias e sendo tratada pela criança de quem cuida como “babá”.

Os nomes são, por isso, muito importantes para esta mulher, que chega a questionar-se sobre se “as coisas se transformariam ao perderem os seus nomes, tal como se transformam quando os ganham. Dizer patroa, dona, dizer chefe, proprietária. Dizer empregada, babá, serviçal, criada”.

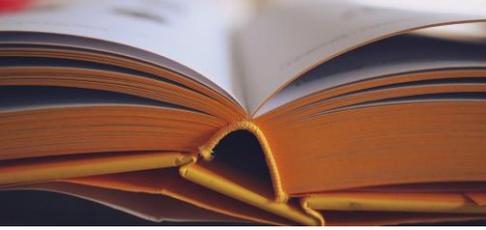
“Os nomes são importantes. Os teus amigos não têm nome, Lita? Chamas-lhes rapariga, rapaz? Chamas animal à vaca?”, questiona a certa altura a mãe de Estela.

São estas pequenas feridas emocionais, estas subtis agressões psicológicas, que se vão abrindo em Estela, que chega a afirmar: “Se calhar somos isso quando nascemos, nunca me tinha ocorrido, somos uma enorme cicatriz que antecede as que virão depois”.

Gradualmente, Estela vai mergulhando numa solidão e num silêncio profundos, à medida que se vai afastando da sua família para viver dedicada a outra família, que, apesar de nunca a tratar mal, não lhe dedica a importância que se dá a uma pessoa. É alguém que cumpre tarefas.

A família para quem trabalha esconde, por detrás de uma aparência de sucesso, profissional e social, de escolhas de bons colégios e muitas atividades extra escolares para a filha, uma realidade bem diferente: “uma menina infeliz, uma mulher que vive das aparências e um homem calculista”.

“Imagino que estejam a interrogar-se por que razão ali fiquei.(...) A minha resposta é a seguinte: porque é que os senhores ficam nos vossos trabalhos, nos vossos escritórios minúsculos, nas fábricas, nas lojas, do outro lado desta parede?”, pergunta Estela a quem a ouve.



Esta rotina de que fala, que se estende por “todo o comprimento e largura de uma vida” vai acabar por conduzir a um mal-estar crescente e à tragédia da morte de Júlia, expondo os ódios de classe sob a forma de preconceitos sociais enraizados.

“A vida tem tendência a ser assim: uma gota, uma gota, uma gota, uma gota, e depois perguntamos, perplexos, porque é que estamos encharcados”, diz a protagonista.

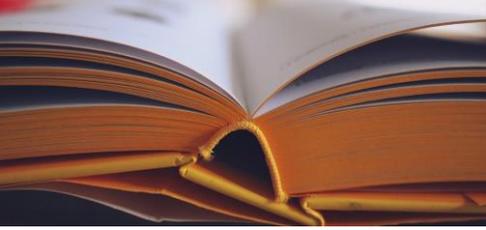
Como pano de fundo destes dias finais, e como cenário em que a própria protagonista se verá envolvida, após a morte da criança, estão os protestos contra a desigualdade social que ocorreram no Chile, em 2019, que levaram milhares de pessoas à rua, naquela que foi a maior manifestação desde a queda do ditador Augusto Pinochet, em 1990.

Alia Trabucco Zerán, que a revista Babelia considera “uma nova referência da literatura chilena”, nasceu em Santiago do Chile, em 1983, estudou Direito na Universidade do Chile e Literatura Hispano-americana no University College de Londres.

O seu romance “La Resta”, de 2015, considerado pelo jornal El País uma das estreias literárias mais importantes desse ano, foi finalista do prémio Man Booker International e recebeu o Premio Mejor Novela Inédita del Ministerio de las Culturas de Chile.

O seu livro seguinte, “Las Homicidas”, foi vencedor do prémio da British Academy, em 2022, ano em que a autora foi também galardoada com o prémio Anna Seghers.

“Limpa”, a sua mais recente obra, é a primeira publicada em Portugal e está em tradução em mais de 13 idiomas.



ENTREVISTA ‘Limpia’, um romance sem escapatória que exige respostas na perspectiva de uma trabalhadora doméstica

Alia Trabucco Zerán publica 'Limpia', um romance direto, ácido e honesto. “Incorporamos o cansaço como se fosse sinônimo de felicidade”, ressalta.

[Entrevista — Elvira Navarro: “Somos o património mesmo que esteja vestido com outras roupas”](#)



Alia

Trabucco Zerán, autora de 'Limpia' Lorena Palavecino Hunting

[Laura Garcia Higuera](#)

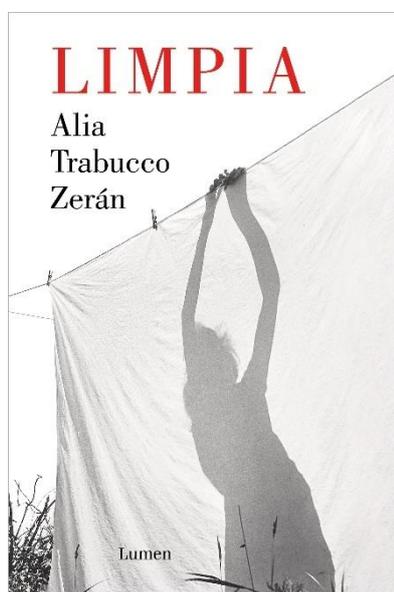
4 de fevereiro de 2023, 22h04. Atualizado em 05/02/2023 05h30

mow

“Olho para os meus olhos, para a minha boca, para as primeiras rugas da testa, e me pergunto se o cansaço é uma fase e se um dia, no futuro, vou recuperar o rosto que tinha.” Estela é uma empregada doméstica que dedica praticamente 24 horas para cuidar de todas as tarefas de uma família chilena rica e “ideal”. Ela também é protagonista de *Limpo* (Lumen), romance contundente em que Alia Trabucco Zerán dá voz a uma mulher que raramente parou para ouvir a arte e, muito menos, a sociedade. E, no entanto, sofre as mesmas consequências do neoliberalismo, o descontentamento e o cansaço que prevalecem hoje.

“Há uma relação perversa com o cansaço sobre a qual devemos pensar criticamente”, alerta o escritor a este jornal, “normalizamos esse esgotamento e exploração. Nós os incorporamos como se fossem sinônimos de felicidade. É importante tentar refletir sobre isso para sobreviver como seres humanos. Se você não está produzindo o tempo todo, há algo errado com você. Exploramos tudo, nós mesmos, a natureza... É um vínculo que temos em mente todos os dias.”

Estela assume a primeira pessoa e apela constantemente a quem lê as suas palavras, questionando, de certa forma atacando e, sobretudo, incomodando-a. “A palavra desconforto me orienta na escrita. “Tenho interesse em explorar lugares que são”, declara o autor, “se quando leio um livro, fecho-o e fico com uma sensação de grande tranquilidade e serenidade, parece-me suspeito”.



“A literatura tem o poder de entrar em zonas cinzentas, mesmo em zonas cinzentas morais, que os tempos por vezes não permitem e que é relevante examinar porque é aí que nasce o pensamento. Você se pergunta: por que me sinto desconfortável se o narrador é trabalhador doméstico? Sou classista, racista? Como eu me conectaria com uma personagem como a Estela? Hoje em dia evitamos muito o desconforto politicamente.”

Trabucco deixou claro desde o início que quem assumiria a liderança seria a empregada doméstica. “Refletimos pouco em voz alta e é preciso questionar quem tem e teve o direito de levantar a voz; e quem não gosta. E o que acontece quando certos sujeitos que estavam habituados a ser silenciados levantam a voz”, afirma, “muita coisa acontece com as mulheres e com a nossa ligação com a raiva. Quando verbalizamos isso, existem muitas estratégias sociais para nos silenciar.”

A representação nas artes, independentemente do seu formato, é igualmente fundamental. “A imagem que temos da dependência de qual profissão e classe também é feita por meio de produções culturais”, indica ele, “é construída pela literatura, pela mídia e pelo cinema. Historicamente houve uma forma de construção desses sujeitos populares, impregnados de classismo e racismo. Geralmente aparecem como personagens cujo campo emocional se limita à submissão e ao carinho.” “Queria tentar uma representação transgressora e diferente de uma trabalhadora doméstica privada, abordando intensamente a sua voz e os seus silêncios. Pensar neles me ajudou porque significou ver o silenciamento a que foram submetidos”, lembra ela sobre o processo de escrita.

Precariedade, falsa liberdade e pílulas

Nas páginas de Limpo, Estela descreve suas condições de trabalho, sua relação desigual com os donos da casa e avisa no primeiro capítulo que a menina da casa morreu. “Imagino que neste momento você esteja se perguntando por que fiquei. É uma boa pergunta, uma daquelas importantes. Esta triste. É feliz. A minha resposta é esta: porque é que vocês ficam nos seus

empregos, nos seus pequenos escritórios, nas fábricas, nas lojas, do outro lado daquele muro”, escreve ele.

“Trabalhamos pela sobrevivência”, reconhece Trabucco, que indica que incluiu este julgamento do protagonista para responder “ao tipo de mitologia liberal que existe de que todos são livres para fazer o que quiserem. É uma liberdade completamente falsa, não somos livres para escolher os nossos empregos. Há muitos sujeitos com condições completamente precárias e é uma questão extremamente injusta porque assumem uma liberdade que é mentira.” “Vivemos numa época em que a precariedade é a norma”, afirma, “quem tem um horário razoável, um salário adequado e uma vida resolvida? Uma minoria absoluta. E não só na América Latina, na Europa é a mesma coisa.”

Os patrões de Estela bebem às escondidas, ela ainda esconde pães e queijos para compensar a fome causada por comer apenas saladas. “Ela está sob muita pressão”, descreve Trabucco. Ele também se automedica. “Os antidepressivos e os ansiolíticos estão sendo consumidos de forma mais massiva e é algo que se normalizou. Em vez de, como sociedade, abordar as causas da ansiedade; “Abordamos seus efeitos com pílulas que são uma forma de fugir das causas dos problemas”.

Em vez de abordar as causas da ansiedade, abordamos seus efeitos com pílulas que são uma forma de fugir das causas dos problemas.

Alia Trabucco - escritora

Mudando a narrativa sobre a infância

A caçula da família, Júlia, é uma menina infeliz e sua forma de se relacionar com o mundo está intimamente ligada à violência. Ele até engana Estela enquanto brincam, colocando um punhado de lama do jardim em sua boca. “Existe uma mitologia em torno da infância como lugar de pureza e inocência, como se meninos e meninas não estivessem inseridos no mesmo modelo de exigência, produtividade, perfeição e ansiedade”, observa o escritor chileno. “É preciso que a literatura pense a infância para além do mandato da inocência”, valoriza.

Existe uma mitologia em torno da infância como lugar de pureza e inocência, como se meninos e meninas não estivessem inseridos no mesmo modelo de exigência, produtividade, perfeição e ansiedade.

Alia Trebucco Zerán - Escritora

“Todos somos atravessados pelo neoliberalismo, esta fase também”, diz ele, “Julia é uma menina tremendamente ansiosa. Não é tão inocente. Ele vive em um lugar de infelicidade que é palpável. Ele roe as unhas até sangrar. A certa altura ele se recusa a comer.”

Sua situação é, em parte, consequência da educação rígida baseada nas exigências a que seus pais a sujeitaram. “Que meninos e meninas brinquem menos e se eduquem mais ‘para alguma coisa’ está muito presente hoje. Uma coisa instrumentalizadora para o sucesso, para acessar a melhor universidade e depois ganhar muito dinheiro”, critica Trabucco, “um modelo que desde a infância sustenta o que mais tarde será o sujeito neoliberal”.

Mas a autora não pretende – nem pretende – julgar e condenar os pais: “Eles também fazem parte deste modelo supostamente ideal”. “Tudo parece uma concha, um simulacro”, lamenta, “a

menina percebe essa superficialidade”. No seu conjunto, a família está “igualmente sujeita ao mandato da felicidade. Eles estão fazendo tudo o que deveriam fazer para serem felizes e são radicalmente o oposto. Por dentro eles estão quebrados.”

Negar a morte apesar de ser inevitável

A novela começa anunciando a morte da citada Júlia, estratégia que serviu à autora para “fazer acordo com o *thriller*” e gerar interesse em saber como ela morreu, se foi assassinada e por quê. “Parece que a história vai ser essa... Mas não, o que conta mesmo é a vida do trabalhador privado”, ressalta. O autor faz um símile sobre como o interesse é mantido tanto no desenvolvimento do livro quanto na realidade: “Sabemos o final e continuamos lendo assim como conhecemos o final e continuamos vivendo”.

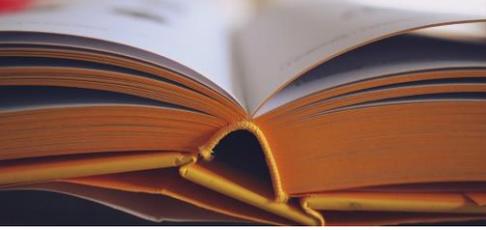
“La muerte es algo que está ahí, como parte de la vida, y también algo que nos negamos a ver”, describe, “vivimos de espaldas a ella, que es una forma muy occidental de vivir la vida, con una negación gigantesca de por meio. Vivemos como se isso não fosse acontecer.”

Clean confronta quem o lê com a existência, olhando-a de frente, despojado de qualquer indício de máscara ou oportunidade de olhar para o outro lado. É honesta nas suas reflexões, direta no tom, sincera nas abordagens e enriquecedora nos apelos. E dançar com objetivo de poder incomodar sem incomodar. O romance é ácido, inteligente, coerente e autêntico. Muito pelo contrário dos rostos, como afirma o autor no livro: “O rosto, não se engane, nunca diz a verdade. Um rosto finge, mente, simula, esconde. Então suas marcas são as das mentiras mais frequentes, dos sorrisos educados, das incontáveis horas de sono ruim.”

POR MELINA SPANOUDI



Alia Trabucco Zerán © Greg Allen



Alia Trabucco Zerán “La dictadura chilena provocó una herida en mi imaginación”

En su nueva novela, *Limpia*, la escritora aborda “incómodamente” los abismos que existen entre una empleada doméstica y la familia de clase alta para la que trabaja

El País 21 Jan 2023, POR ROCÍO MONTES



CRISTÓBAL VENEGAS, La escritora Alia Trabucco Zerán, retratada en su casa en el municipio de Ñuñoa, en Santiago de Chile.

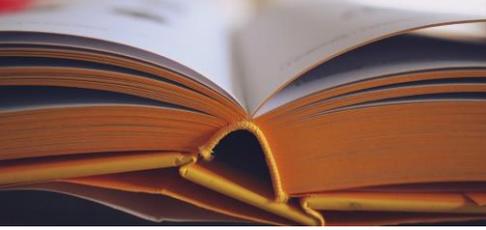
A media mañana de un lunes de verano, Alia Trabucco Zerán (Santiago de Chile, 1983) debería haber estado en una oficina cualquiera del Poder Judicial como abogada de un caso de derechos humanos, probablemente. Investigando, litigando, preparando escritos. Pero la chilena decidió hace algunos años doblar su destino al terminar la Facultad de Derecho y enviar al demonio “el lenguaje de la ley”, como lo llama, que califica de “áspero, jerárquico y, sobre todo, blindado”. Primero arrancó como una búsqueda lateral y luego el camino se hizo evidente. “Empezó a angustiarme el contraste: la felicidad cuando me sentaba a escribir ficción, la infelicidad cuando era una querrela; la angustia cuando iba a tribunales, la alegría del taller”.

La literatura fue su antídoto. Lo cuenta en una cafetería que no tiene nada que ver con los juzgados chilenos: amplia, luminosa y colorida. Es la zona donde Trabucco vive, en el municipio de Ñuñoa, en Santiago de Chile, uno de los lugares de la capital donde todavía se respira la vida de barrio, aunque los edificios modernos ocupan hoy el lugar de las casonas de mediados del siglo XX. Pequeño comercio, niños en la plaza aprovechando las vacaciones, gente en bicicleta, restaurantes discretos, vecinos de toda la vida. Poco antes, al entrar en Filomena —así se llama la cafetería donde nos ha convocado—, a Trabucco se la ve sonriendo y con una caminata rápida, aunque llega muy puntual. Abraza cálidamente para saludar, pedirá apenas una botella de agua con gas y lo que vendrá será una charla amable y grata, que contrasta con su respuesta cuando se le pregunta por lo mejor que se ha dicho de Limpia, que Lumen publica en España el 26 de enero. “Que es una novela incómoda. Para mí eso es un gran elogio”, dice una de las voces más contundentes de la literatura chilena actual.

Autora de la novela *La resta* y del ensayo *Las homicidas*, por el que ganó en 2022 el British Academy Book Prize por el entendimiento entre culturas, en Limpia aborda “incómodamente” la vida de una asistenta y los siete años que pasa trabajando para una familia de clase alta de Santiago de Chile. Una pareja de cuarenta y tantos años inundada de trabajo, ciertamente infeliz, cuya hija pequeña morirá, como se anuncia en las primeras líneas del libro. Deliciosamente angustiante, adictiva, la novela retrata mundos cotidianos que pueden llegar a volverse una tormenta para los débiles. “El contraste de clase que se retrata en la novela no es exclusivo de Chile, pero sin duda está muy presente aquí. Hace décadas circulan estudios que indican que mi país tiene una de las peores distribuciones de riqueza de la región. Y eso genera abismos. La historia de Limpia, de algún modo, narra ese abismo desde una mirada particular, la de la protagonista, Estela”. La narración de la trabajadora interpela constantemente. “A diferencia de otras voces literarias de personajes populares, su voz genera un tropiezo en el lector. ¿Puede una trabajadora de casa particular usar esas palabras o es acaso inverosímil?”

¿Y quién determina qué palabras son apropiadas o inapropiadas? Esas preguntas, más reflexivas, están de algún modo en la novela”, dice Trabucco sobre un libro que tardó cuatro años en escribir y que, como en el resto de su obra, existe una mirada profundamente política (y no solo porque en las páginas finales aparezcan imágenes del estallido social de 2019 chileno, un hito que ha marcado definitivamente a Chile y su devenir).

Trabucco no cree en las categorías de gente nacida en la misma época (“a veces me pasa que siento mayor cercanía biográfica con la generación anterior, los nacidos en los setenta”), pero forma parte de los nacidos en los primeros años de la década de los ochenta, en la dictadura de



Pinochet. Gente que alcanza a guardar recuerdos de esa época oscura y conserva marcas que no se disolverán con el paso del tiempo. Trata de escabullirse cuando se la consulta sobre episodios de su vida que ayuden a comprender su obra, porque piensa que es “la suma de gestos y de palabras lo que de maneras inesperadas termina incidiendo”. Hasta que, finalmente, responde: “Nacer en dictadura y ser hija de padres que sufrieron sus consecuencias —mi papá en su propio cuerpo, al haber estado preso y torturado — me dejó una herida o tal vez le infligió una herida a mi imaginación. Y esa herida quedó, como una amenaza de que en cualquier momento hay un abismo, una caída, un frío, y de ahí creo que proviene una inquietud que me lleva hacia ciertos materiales en la escritura”.

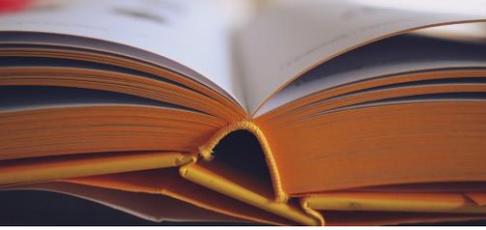
Es hija de una conocida pareja chilena de intelectuales de izquierda: Sergio Trabucco, cineasta, y Faride Zerán, periodista. La suya fue una infancia confusa —como suele ser la infancia, reflexiona—, “pero con el añadido de ser consciente, muy precozmente, de la existencia de una violencia avasalladora que estaba ahí, latente. Es algo que te marca, cómo no, en un tiempo donde supuestamente prima la inocencia”, recuerda sobre el régimen. Era la época en que las fantasías infantiles la llevaban a convertirse de adulta en una abogada especialista en derechos humanos, para llevar a Pinochet al banquillo, pero donde el refugio estaba en las letras. La autora dice que tuvo “la fortuna” de que los libros formaran parte de su vida desde la niñez y que, luego, la escritura se asomara como un juego, “como algo parecido a dibujar”. “Una letra junto a otra, probar colores, armar una palabra, poco más que eso”. Diarios de vida secretos que alguna vez fueron descubiertos por una prima suya que se burla y que la hacen entender que la escritura forma parte fundamental de su vida a los 10 años. Luego, de adulta, ha vuelto a los diarios cuando se siente “francamente perdida o confundida o abrumada”.

Esta conversación, confiesa Trabucco, le ha hecho pensar sobre la vida privada y la obra. No le gustan las redes sociales ni le gusta la exhibición, porque prefiere resguardar su privacidad. Se considera reservada, incluso algo tímida en ciertos espacios. Pero, sobre todo, prefiere hablar a través de sus obras, “para que los libros sean leídos como tales y que la autora no tenga que estar empujándolos ni explicándolos locamente”. En el fondo, una preocupación vital en una carrera literaria exitosa, que recién comienza: “No quiero perder libertad en mi escritura ni que nada la condicione”, dice la autora.

Reconoce la influencia de su compatriota Lina Meruane, su amiga y profesora en el máster de Escritura Creativa de la Universidad de Nueva York, que la apoyó mientras escribía su primera novela. “Su prosa tiene un ritmo increíble, es muy lúcida e inesperada”, dice sobre la autora de *Sangre*

en el ojo. Nombra a los chilenos Carlos Droguett, Manuel Rojas, Diamela Eltit, y autoras teóricas como Julieta Kirkwood y Nelly Richard. A Herta Müller (“me gusta por el desafío y porque el trabajo que da la lectura deriva en un placer enorme: una frase maravillosa o una idea honda, a veces más filosófica o lírica, que deja su huella”), a Maggie Nelson (“me gusta esa libertad de escribir lo que le da la gana y me siento bastante identificada con eso”) y a Kafka, Faulkner y Woolf, a los que vuelve siempre. Dice que aprende de otras escritoras latinoamericanas: “Sara Gallardo ha sido un hallazgo y sigo a contemporáneas magníficas como Cristina Rivera Garza y Fernanda Melchor con gran admiración”.

Luego de la Facultad de Derecho y de “alimentar el espíritu con serrín, como dijo Kafka”, comenzó a trabajar como abogada en derechos humanos, a llevar casos de violencia política en



otros países y en Chile, pero emocionalmente no lo soportó. “Me causaba un dolor enorme, una indignación que me nublaba. No era la persona apropiada. Así que ya en ese momento me refugié en la lectura. Leía frenéticamente, dormía poco; cada libro era un descubrimiento y me alejaba más de ese dolor del mundo del derecho”. En esa etapa de joven abogada trabajó por la diversidad sexual y el feminismo, mientras participaba en talleres literarios con escritoras como la chilena Alejandra Costamagna, con la que hizo un curso de cuentos.

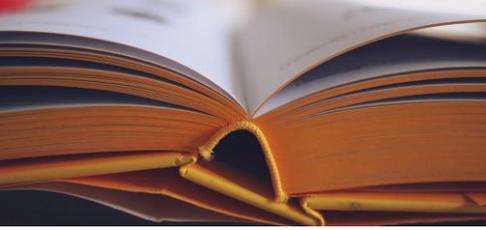
El feminismo explica, en parte, el pensamiento crítico que está presente en la mirada de Trabucco. En su libro de no ficción *Las homicidas*, donde trata casos simbólicos de mujeres asesinas, “la pregunta por las leyes del género es central, aunque en el caso de la ficción las cosas son más oblicuas”. En su primera novela,

La resta, “no hay un solo personaje heterosexual y las formas de comunidad se urden por fuera del orden familiar y de la sangre”. Este aspecto, dice la escritora, “que ha sido borrado en muchas de las lecturas que se hicieron en Chile, permite trazar subjetividades menos exploradas en torno al deseo y lo queer”. “¿Hay ahí feminismo?”, se pregunta ella misma. “No sé y no me preocupa”, responde. “Es algo que otros podrán o no observar después, pero yo nunca me siento con una intención pedagógica a escribir ni es algo que me oriente porque la ficción trabaja en grietas, en zonas grises”.

En su obra existe libertad y experimentación. Cuenta que hace unos días hablaba con un amigo sobre Herta Müller y Thomas Bernhard y coincidían en que son autores cuyos libros siempre tienen un mismo ritmo, una respiración similar. Pero ella no es así, describe: “Los tres libros que he publicado son formalmente muy distintos entre sí, temáticamente diferentes, tienen ritmos o melodías distintas, campos afectivos que no se asemejan. Así que para mí cada libro es una unidad donde explorar voces, formas, estructuras, ideas, ficción o no ficción, lo más lírico o lo más prosaico. La idea de obra me es un poco ajena”. La chilena ejemplifica con una casa, donde ella está dentro —clavando clavos, pintando paredes, reparando grietas y luego embelleciendo un espacio—, pero que no alcanza a ver del todo porque no la conoce bien y la explora un poco a tientas.

Su posgrado en escritura creativa en Nueva York fue para Trabucco “una experiencia maravillosa”. Luego hizo un doctorado en Estudios Latinoamericanos en la University College de Londres, en una estrategia para seguir abriéndose espacios para la escritura y el pensamiento. “Porque, para mí, la escritura es también un espacio clave de pensamiento, de reflexión, un lugar desde donde mirar el mundo y sentirme menos perdida”. Fue una etapa más solitaria y años de formación intelectual muy relevantes.

En 2020 dejó Inglaterra y regresó a Santiago de Chile, la ciudad donde nació y donde viven sus padres, su hermano, sus “amadas” amigas y amigos. “Es mi escenario, es donde todo me interpela, donde me indigno y me río más. Nunca he sido nostálgica, pero los últimos años en el extranjero me costaron. Quería volver, necesitaba volver”, comenta la escritora de 39 años sobre el regreso a su país, que experimenta transformaciones profundas. “Hay un Chile inquieto y descontento, chúcaro como decimos por acá [rebelde], porfiado, tremendamente creativo, explosivo, gracioso y muy bello. Se ha manifestado una y otra vez, en series de protestas desde 2011, y apareció en toda su complejidad desde 2018 con el mayo feminista y 2019 con la revuelta”, dice la autora. Pero observa en paralelo otro tipo de país: “Un Chile temeroso, autoritario, conservador, racista y clasista. Y ahora mismo, empezando 2023, esa versión nos



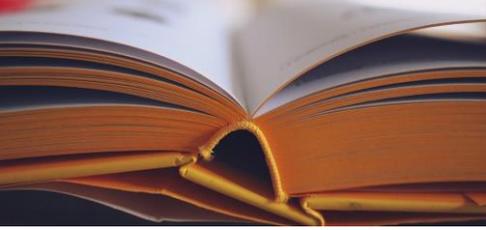
tiene de vuelta en un momento de restauración conservadora que está abriendo un camino bastante poco democrático, muy similar al de inicios de los noventa”. Se imagina a su país en medio de “una mala versión de Regreso al futuro”, atrapado en un retorno al pasado y “sin saber cómo regresar al futuro que parecía abrirse y que se esfumó tras la derrota del plebiscito del 4 de septiembre”, donde un 62% de los ciudadanos rechazó la propuesta de nueva Constitución.

Es el mundo de Trabucco, cuya escritura, cuenta, surge de una mezcla de observación, imaginación, intuición y pensamiento, pero que al mismo tiempo se deja llevar por la libertad del oficio, “en el poner una palabra junto a otra, en lo melódico y lo estético, donde pasan cosas inesperadas e inexplicables y una chispa o un desvío que cambia el rumbo de un libro”. “Ya lo dicen otros y yo me pliego: si supiera lo que va a pasar al empezar a escribir, no escribiría una sola línea”, concluye la autora.

“A veces me pasa que siento mayor cercanía con la generación anterior, la que nació en los setenta”

“Nunca me siento con una intención pedagógica a escribir. La ficción trabaja en grietas, en zonas grises”

Para la escritora, su país se encuentra inmerso en “una mala versión de Regreso al futuro”



UNA VOZ DOMÉSTICA

Entrevista con Alia Trabucco Zerán. La escritora chilena presenta una novela intempestiva sobre la infancia en la clase acomodada de Santiago.

Revista Ñ, 11 Mar 2023, POR DÉBORA CAMPOS

Su primera novela, *La resta*, integró la lista del Premio Man Booker International.

Cuando se terminan las páginas, cuando se cierra el libro, cuando ya no queda ni una sola letra más para leer, la voz de Estela sigue ahí, sonando en la mente de quien ha completado la novela *Limpia* y no es capaz de hacerla callar. Ella, la empleada doméstica de una familia de profesionales acomodados en Santiago de Chile, toma la palabra y se niega a soltarla porque, sobre todo, la escritora Alia Trabucco Zerán es una autora de voces.

Narrada como un largo monólogo, la novela comienza cuando la niña de la casa, Julia, muere ahogada. Ese derrumbe inicial marcará la respiración de thriller de todo el libro en el que la mucama explica esa muerte y los caminos que llevaron a ella, su propia vida campesina en el sur del país, la idea de trabajar algún tiempo en la capital para juntar un pequeño capital y los desvíos que le impidieron soltarse de ese destino servil.

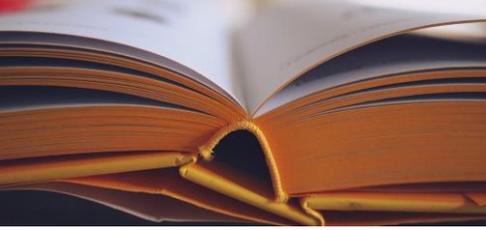
“Me imagino que a estas alturas se preguntarán por qué me quedé. Es una buena pregunta, una de esas importantes. Estás triste. Eres feliz. Mi respuesta es la siguiente: por qué se quedan ustedes en sus trabajos, en sus minúsculas oficinas, en las fábricas, en las tiendas, al otro lado de esa pared”. Ahí está Estela promediando la novela. Antes ha dicho: “Les incomoda mi voz, ¿me equivoco? Hablemos de eso, de mi voz. Esperaban otra, ¿no es verdad? Una más mansa y agradecida. ¿Están registrando mis palabras? ¿Están grabando mis digresiones? ¿Qué les pasa ahora? ¿La empleada tampoco puede usar la palabra digresión? ¿Me prestarían el listado de palabras suyas y mías?”.

Limpia es el tercer libro de Alia Trabucco Zerán, que pintaba para abogada especializada en derechos humanos hasta que se rindió porque la literatura la había atrapado. Su primera novela, *La resta* (2014), fue no solo un debut deslumbrante que la acomodó en la lista del Man Booker International y le valió el Premio Mejor Novela Inédita del Ministerio de las Culturas de Chile. Además, fue un terremoto en su país porque da voz a los hijos de la dictadura de Augusto Pinochet con irreverencia y la irreverencia no se lleva bien con la vergüenza almidonada que suele vestir esa memoria histórica. Luego, en 2019, llegó el ensayo *Las homicidas*, que sigue la voz (otra vez) de un puñado de mujeres que mataron y la narración que atrapó y domesticó esa violencia inaudita.

Sentada en un sillón del living de su casa en Santiago, con la computadora sobre las rodillas y las ventanas cerradas para que el humo de los incendios no se cuele en el interior, Alia Trabucco Zerán se apresta a responder las preguntas de Ñ. “En el balcón hay dos tórtolas que parecen aturdidas por el calor. El cactus volvió a florecer. La ruda, en cambio, se secó”, comparte.

—La *resta*, *Las homicidas* y *Limpia* son muy distintos entre sí, hermanados por las voces. ¿Qué voces te conmueven como lectora y con qué elementos construís las de tus libros?

—La pregunta por la voz ha sido central en mi escritura porque es un modo muy directo y poderoso de construir una subjetividad y de adentrarse en las tensiones de la lengua: quién tiene derecho a alzar la voz, qué voz es verosímil o inverosímil. Y cuando digo voz hablo de quien narra, por supuesto, pero



también de una melodía, de los silencios, de cada palabra y su encadenación con la siguiente, del tono y el paisaje afectivo que ese tono refleja. Cuando encuentro una voz, sé que tengo un libro entre manos. Y eso es mucho más relevante que la trama. Se trata de una búsqueda y de una exploración del lenguaje que me ha llevado a voces más barrocas, como en *La resta* y otras más depuradas, como en *Limpia*. Y las lecturas, desde luego, han ido cambiando. En

La resta, donde uno de los personajes habla desbordadamente, leí con atención *Piquito de oro*, de Gustavo Ferreyra; *El ruido y la furia*, de William Faulkner; *Las olas*, de Virginia Wolf;

Patas de perro, de Carlos Droguett, y también me resultó conmovedor trabajar en compañía de Herta Müller para pensar a la segunda narradora, que reflexiona constantemente sobre las palabras. En el caso de *Limpia*, fue *Medea*, de Christa Wolf, *Las criadas*, de Jean Genet; y algunos cuentos rabiosos de Rubem Fonseca. Y para la escritura de *Las homicidas*, donde la pregunta por la voz era la pregunta por el silenciamiento de esas mujeres armadas, mis lecturas fueron ensayísticas: Sara Ahmed, Judith Butler y la gran Josefina Ludmer, que fue central. Nunca se escribe sola. –*Limpia* se publicó en estos días en la Argentina y la voz de Estela, la narradora, es en algún sentido desafiante. Por lo que dice y sobre todo por cómo lo dice. ¿Quién es Estela y por qué decidiste que se transformara en la protagonista de tu novela?

–*Limpia* surge de uno de los casos que examiné en mi libro anterior, *Las homicidas*. Allí releí desde una perspectiva feminista el homicidio cometido por una mujer, trabajadora doméstica, que en los años 60 asesinó a los hijos de sus patrones. El caso me conmovió, no solo por el tipo de crimen y su violencia, sino porque no pude dejar de preguntarme quién era esa mujer: su lugar en esa casa, su invisibilidad, su silenciamiento y su rabia. Así surgió *Limpia*, que se sitúa en el presente de una familia acomodada que contrata a una trabajadora, Estela, para las labores de la casa.

–Estela cuida de la niña desde que es recién nacida y asiste a una desesperación infantil monstruosa con la que batalla. ¿Por qué esa infancia de clase acomodada, en apariencia con todas las posibilidades, se transforma en una trampa?

–La desesperación de esa niña y su violencia, hacia Estela, hacia sus padres y hacia su propio cuerpo a través de pequeños gestos como morderse las uñas o negarse a comer, surgió precozmente en la escritura y solo más tarde me di cuenta de que es algo muy presente en las infancias contemporáneas. Niñeces dominadas por la ansiedad y por una exasperación muy decidida. Pienso en otras niñeces verdaderamente monstruosas en la literatura, como las de Agota Kristof en *El gran cuaderno*, y la incidencia de la guerra en ese delirio violento, y me pregunto entonces de qué modo el contexto actual, de neoliberalismo desatado, de destrucción del medioambiente, de exigencias de éxito y de desmembramiento del tejido social, inciden en las niñeces. Tal vez Julia, la niña, es reflejo de todo eso. – Solo hasta muy avanzada la novela vemos que la historia de Estela es la historia de un país y de un tiempo. Nos decían que Chile era el ejemplo de un país exitoso. ¿Qué pasaba mientras nos contaban eso?

–Me parece importante interrogar ese relato exitista construido desde las élites chilenas y que se condice con la reacción de esas mismas élites a la revuelta social del 2019: “No lo vimos venir”, dijeron y es muy decidida esa “no ver”. Desde el 2011 se sucedieron marchas que expresaban un profundo descontento. El 2018 hubo también protestas impresionantes de mujeres y disidencias. Los niveles de endeudamiento aumentaron, las clases medias se empobrecieron y Chile siguió liderando los rankings de desigualdad. Entonces, mientras se exportaba ese relato de éxito, todo esto otro ya ocurría dentro

del país. Y ahí estalla la revuelta. O acaso estalla como resultado inevitable de ese supuesto éxito. Ese descontento, sin embargo, parece no haber encontrado cauce político en el proceso constituyente. La mayoría de la sociedad chilena rechazó un proyecto constitucional que permitía salir del Estado subsidiario, que ofrecía un horizonte de recuperación medioambiental, mayor igualdad de género, y una ampliación de lo público. Y asistimos ahora a una restauración conservadora, una suerte de “aquí no ha pasado nada” que busca reponer el relato del orden.

Alia Trabucco: «El suspense sirve para contar historias que nadie escucharía»

► La escritora chilena regresa con ‘Limpia’ (Lumen), una historia de alienación y poder

ABC (1ª Edición) 1 Feb 2023, KARINA SAINZ BORGÓ



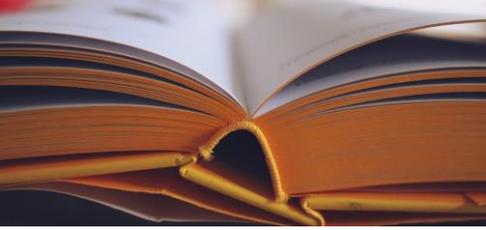
// ABC La más reciente novela de Alia Trabucco se ha traducido a 13 idiomas

Estela tiene poco más de treinta años cuando comienza a trabajar en la casa de un matrimonio en una zona de clase acomodada en Santiago de Chile. Él es médico, ella abogada. Esperan una criatura, una niña de cuya muerte el lector tendrá noticia desde la primera página de ‘Limpia’ (Lumen), la más reciente novela de Alia Trabucco Zerán, una historia de suspenso que desgrana una tragedia familiar a la vez que narra el lento proceso de alienación de una sirvienta «educada, discreta y alfabetizada» a la que se la van siete años de su vida limpiando miserias ajenas.

Lavar la ropa y cocinar la comida de otros, arrancar las costras de boñiga ajena de la taza del wáter, cuidar de una criatura que ya a sus tres años tiene muy claro quién manda y quién obedece en esa casa...

Todo en ‘Limpia’ está contado por un narrador que se dirige a un tribunal judicial o médico. No queda claro del todo, lo que sí se sabe es que quien narra parece haber perdido la razón. «La alienación viene de la soledad y del aislamiento extremo de un personaje que no es visto y no es escuchado y se toma el derecho a hablar», dice Trabucco sobre este tercer libro, traducido en 13 países tras el éxito de ‘La resta’, su novela debut, que acabó finalista del Man Booker International en 2015.

Ambientado en la sociedad chilena actual, ‘Limpia’ despliega el inmenso tapiz de las desigualdades sociales y la violencia latente. «El tema de la intriga me parecía narrativamente poderoso. La estructura



clásica del quién hizo qué permite contar otra historia. Que la niña muerta existe lo sabemos desde el comienzo y cómo murió lo averiguamos con una línea al final, pero la novela entera es ella, Estela, cocinando, fregando, limpiando. El suspense es la estrategia política para contar una historia que nadie escucharía. Es una manera de controlar el relato».

La violencia

En 'Limpia', Alia Trabucco explora la infelicidad y la insatisfacción de los adultos, pero, sobre todo, la de esa niña cuya muerte se anticipa en todo el relato. «Disfruté escribir de esa niña ansiosa, infeliz, que se muerde las uñas, que se niega a comer y que, desde que nació, está atrapada por las presiones, por el éxito que impulsan los padres. No es una infancia inocente, al contrario. Desde muy niña ella sabe cuál es su lugar, sabe que es la señora ella también. Es víctima del modelo de crianza. Está sujeta a este tipo de exigencias con el propio cuerpo y hay una desesperación».

Estela, que se ha mudado a la capital desde el sur de Chile, posa su mirada pasiva y violenta sobre lo que la rodea. «Es alguien cuya presencia no importa. Es solitaria, hasta en el encuentro sexual que llega a sostener, hay desesperación». Extraviada en su aislamiento, en la repetición mecánica de barrer, ensuciarse las manos con mugre ajena y recoger los desechos de los otros y ante la constatación de la tragedia de lo que ocurre en esa casa, la mucama llega incluso a percibir el estallido de las protestas y revueltas sociales recientes en Chile.

«Este encuentro fugaz me parecía importante. El aislamiento del personaje forma parte de una historia social y su voz, que es muy fuerte, forma parte de un coro. La idea de que la novela contuviera esa posibilidad me pareció importante». Si en 'La resta' Alia Trabucco habló de los despojos y la memoria de la generación de los hijos y los nietos de los exiliados y represaliados de la dictadura de Pinochet y en 'Las homicidas' narra los casos de cuatro mujeres chilenas que violentamente rompieron con el lugar doméstico y pasivo que se les tenía reservado al cometer cuatro crímenes, en 'Limpia' da una vuelta de tuerca a la brutalidad como territorio de reflexión, una visión que obtuvo mientras estudiaba Derecho en la Universidad de Chile y cuyo relato perfeccionó con un máster de Escritura Creativa en la Universidad de Nueva York y un doctorado en Literatura en Londres.

«Con este tercer libro me doy cuenta de que tengo un interés ineludible por la violencia y la presencia de las distintas formas de la muerte. En 'Las homicidas' la muerte es lo que atraviesa a todos los personajes y en 'Limpia' la muerte atraviesa cada oración, especialmente la violencia de clase. El desafío más importante era cómo traspasar a la página esas microviolencias que están presentes en nuestras sociedades, cada una de esas infinitas escenas de violencia».